

# Jornalismo cultural e temporalidade nos dossiês da revista brasileira *Cult* (2019)

*Cultural journalism and temporality in the dossiers of the Brazilian magazine Cult (2019)*

**Anna Cavalcanti**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Ramiro Barcelos, 2705, 90035-007 Porto Alegre, Brasil

 0000-0002-3005-6537 · [annaccavalcanti@gmail.com](mailto:annaccavalcanti@gmail.com)

**Cida Golin**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Ramiro Barcelos, 2705, 90035-007 Porto Alegre, Brasil

 0000-0002-6251-5435 · [golin.costa@ufrgs.br](mailto:golin.costa@ufrgs.br)

Fechas: Recepción: 30/06/2022 . Aceptación: 16/09/2022 . Publicación: 15/10/2022

## Resumo

Este artigo propõe uma leitura da dimensão temporal do jornalismo cultural, enfatizando a característica recorrente desse segmento editorial de atualizar o passado e de construir memória ao mediar a cultura. Valemos da experiência da *Cult*, a mais longeva revista cultural brasileira, há 25 anos em circulação no mercado editorial. Com base no aporte teórico e metodológico da hermenêutica de Paul Ricoeur, particularmente de sua proposta de tríplice mimesis, analisamos uma amostra de seis edições mensais publicadas entre julho e dezembro de 2019, concentrando-nos na seção principal, intitulada *Dossiês*, por meio das chamadas de capa e dos textos internos. A partir da categoria temporal da diacronia e dos enquadramentos encontrados na amostra de dossiês, encontramos evidências do caráter contextualizador das narrativas comum ao perfil do jornalismo de revista. Identificamos a diacronia por intermédio de uma recorrente ausência dos tradicionais marcadores cronológicos jornalísticos, uma das características que impulsiona o potencial da publicação analisada de recircular ao longo do tempo, ainda que visando a um leitor restrito. Entendemos que os dossiês da *Cult* são recursos afirmativos de um jornalismo cultural que está em fricção com o passado por meio de um tempo presente lento e distendido, mostrando-se em contraponto à temporalidade jornalística comumente associada à velocidade, à aceleração e ao instantâneo.

**Palavras-chave:** jornalismo cultural, temporalidades, jornalismo de revista, diacronia, revista *Cult*.

## Abstract

*This paper proposes a reading of the temporal dimension of cultural journalism, emphasizing the recurring characteristic of this editorial segment of updating the past and building memory by mediating culture. We draw on the experience of Cult, the longest-running Brazilian cultural magazine, which has been in circulation in the publishing market for 25 years. Based on the theoretical and methodological contribution of Paul Ricoeur's hermeneutics, particularly his proposal for a triple mimesis, we analyzed a sample of six monthly editions published between July and December 2019, focusing on the main section, entitled Dossiers, through its covers and internal texts. From the temporal category of diachrony and the frameworks found in the sample of dossiers, we found evidence of the contextualizing character of*

*narratives in the profile of magazine journalism. We identified diachrony through a recurrent absence of traditional journalistic chronological markers, one of the characteristics that drives the potential of the analyzed publication to recirculate over time, even if aiming at a restricted readership. We understand that Cult's dossiers are affirmative resources of a cultural journalism that is in friction with the past through a slow and distended present time, showing itself in counterpoint to journalistic temporality commonly associated with speed, acceleration and instantaneous.*

**Keywords:** *cultural journalism, temporalities, magazine journalism, diachrony, Cult.*

## 1. Introdução

Intérprete e júri do bom gosto, crítico voraz apto a silenciar ou dar voz a quem elege, o jornalismo de cultura desempenha uma função que ultrapassa o poder de hierarquizar e traduzir: ele se propõe a desestabilizar, questionar, deslocar o foco a novas percepções e processos relativos à cultura contemporânea, em diálogo constante com o passado<sup>1</sup>. Sendo o jornalismo cultural ancorado no presente da produção periódica, entendemos que esse segmento privilegia a dimensão contextual e reflexiva, inserindo seus temas em uma historicidade. Nesse sentido, sublinhamos a potência do viés temporal na reflexão sobre o jornalismo cultural e seus produtos, encontrando na área indícios de uma temporalidade que se contrapõe ao tempo jornalístico hegemônico, associado que é à aceleração, ao instantâneo e ao chamado *presenteísmo*.

Tendo como pressuposto o jornalismo como forma de conhecimento, trazemos, neste artigo, uma leitura do jornalismo cultural a partir de seu viés recorrente de atualizar o passado e de construir memória ao mediar a cultura. Para tanto, a fim de iluminarmos a dimensão temporal narrativa do jornalismo cultural, valemo-nos da hermenêutica do filósofo francês Paul Ricoeur, especialmente de sua proposta de *tríplice mimesis*. Acreditamos que, nesse nicho jornalístico, o tempo pode ser narrado de maneira distendida, lenta e reiterada. Características comumente discutidas, como o excessivo atrelamento à agenda cultural, a superficialidade dos textos e a marginalização da crítica, podem ser repensadas quando tomadas como objeto de reflexão, especialmente no âmbito das revistas culturais.

Para testarmos nossa hipótese, analisaremos uma amostra de seis edições mensais impressas da revista brasileira *Cult*, todas as quais publicadas em 2019. Ressaltamos que essa amostra faz parte da investigação mais ampla de uma tese que articulou outras categorias temporais relativas ao jornalismo cultural, como a efeméride e a crítica. Trata-se, nesse sentido, de uma amostra limitada, porém representativa do percurso editorial que a revista apresentou nos últimos 10 anos.

Fundada em 1997, a *Cult* é a revista cultural impressa (hoje também em formato digital) mais longeva do país, sendo remanescente de uma tradição profícua de revistas e de suplementos culturais que, nas duas últimas décadas, migraram para versões exclusivamente digitais ou encerraram suas atividades. A opção por estudar uma revista parte, sobretudo, da representatividade da temporalidade por ela mediada, ou seja, da sua periodicidade mensal, por meio da qual ela se aproxima de um caderno de cultura semanal ou de um suplemento quinzenal, materialidades comuns ao segmento aqui estudado.

<sup>1</sup> Nas primeiras décadas do século XXI, em função do ecossistema digital e da hegemonia das redes, o jornalismo cultural perdeu seu protagonismo no que concerne à chancela da visibilidade da produção cultural. No entanto, tal jornalismo ainda mantém a força de conferir legitimidade e credibilidade aos temas que escolhe divulgar.

Chamamos a atenção, também, para o fato de que algumas características associadas ao jornalismo cultural ganham novo tratamento quando abordadas sob a perspectiva do jornalismo de revista, segmento focado em determinado perfil editorial, voltado a um público-leitor previsto e selecionado com antecedência por uma publicação. Em contraponto ao periódico diário, os textos de uma revista de cultura têm a possibilidade de serem mais longos, o que influencia diretamente a possibilidade de aprofundamento das matérias. Esse aspecto também possibilita que a crítica, sempre que desejada, possa ser contemplada, o que permite que ela saia da margem e retorne ao centro da produção editorial.

A partir do estudo dos dossiês de capa, por meio de suas chamadas e dos textos internos, foram encontrados enquadramentos temáticos que, como conjunto, reverberam a proposta editorial da publicação. Essa análise apresentou simetrias e repetições as quais optamos por explorar através de uma leitura hermenêutica, dando a ver as relações entre narrativa e temporalidade. Entendemos o recorte analisado como um fragmento de uma coleção, pistas que representam um singular projeto de revista, mas que também reverberam no contexto comum ao jornalismo cultural de revista.

Para esse estudo, temos como pano de fundo trabalhos anteriores que investigam a revista *Cult* nos campos jornalístico, literário e filosófico, como as dissertações de Tsutsui (2006), de Soares (2012) e de Oliveira (2015). No entanto, vale destacar que nenhuma dessas pesquisas analisa um entrecruzamento entre jornalismo cultural e temporalidade.

## 2. A perspectiva hermenêutica sobre o jornalismo de cultura: o fundamento do contexto

O jornalismo, enquanto instituição social (Franciscato, 2005), é uma referência fundamental para o entendimento dos tempos vivenciados por uma sociedade. Trata-se de um dos parâmetros a partir do quais os grupos sociais constroem seu próprio senso de tempo público, ou seja, é um importante referencial coletivo sobre o que é assumido como passado, presente e futuro. Esses termos relativos à temporalidade, cotidianamente compartilhados, são recorrentes do narrar jornalístico, uma das instâncias responsáveis pela mediação do tempo conforme o experienciamos.

O ritmo das narrativas jornalísticas, reproduzido no cotidiano, é dominado por uma lógica aceleradora de tempo. Mais do que isso: o instantâneo, noção que envolve a referência de atualidade contemporânea (Antunes, 2007), veicula uma percepção de imediatez, supondo que o tempo do jornalismo não pode se descolar do tempo do mundo. O evento evocado sob essa temporalidade deriva de um sentido de que algo só ganha visibilidade porque irrompe; assim, quanto maior for o sentido de intempestivo, maior a carga de notoriedade. Nessa direção, o sentido de atualidade, colado à noção de “imediatismo”, comprime o passado, expande o futuro e apreende o presente, como observa Ricoeur (2010) ao descrever aquilo que é sincrônico. Para o autor, a qualificação do tempo se relaciona diretamente com o modo narrativo; afinal, é somente pela dimensão narrativa que o tempo pode ser vivido e apropriado pelo ser humano.

Como dito anteriormente, para pensarmos acerca da temporalidade da narrativa jornalística, partimos da tríplice mimesis ricoeuriana. No primeiro tomo da obra *Tempo e Narrativa*, Ricoeur propõe construir uma relação entre tempo e narrativa, demonstrando o papel mediador da construção da

intriga<sup>2</sup> por meio de um círculo de três camadas superpostas: mimesis I (preconfiguração), mimesis II (configuração) e mimesis III (reconfiguração)<sup>3</sup>. É construindo a relação entre esses três modos miméticos que o autor estabelece a mediação entre tempo e narrativa. O círculo hermenêutico ricoeuriano corresponde, pois, ao caráter circular temporal que constitui a narrativa. Ou seja, narrar, enquanto ato ancestral do ser humano, é a possibilidade de configurar e reconfigurar os sentidos temporais de nossa experiência de leitura no/do mundo<sup>4</sup>.

A perspectiva da análise hermenêutica no jornalismo, segundo Quiroga (2017), permite a compreensão da prática jornalística como produtora de consciência acerca da historicidade do tempo. Conforme o autor, partindo do filósofo Hans-Georg Gadamer, a produção jornalística sempre foi decisiva à formação de uma consciência que temos da história ou, ainda, da “plena consciência da historicidade de todo presente” (Gadamer, 2006, p. 17). Logo, compreender os fundamentos que elevam o jornalismo à condição de narrativa da história do tempo presente significa inserir-se em um campo que envolve a historicidade de um entendimento de mundo (mimesis I).

Entendemos que o *background* histórico e o universo cultural, os quais constituem o contexto associado a fatos narrados no jornalismo, devem ter protagonismo. A esse propósito, Zamith (2011) ratifica não existir jornalismo sem contextualização, definindo esta como “uma operação da construção noticiosa que tem em vista dar ao receptor da mensagem o contexto em que o acontecimento se verificou” (Zamith, 2011, p. 58). Contextualizar é, então, “um processo que envolve operações e estratégias cognitivas e é condição indispensável para a construção de conhecimento” (Lückman, 2020, p. 16). Para dar relevo ao contexto como elemento que oferece um pano de fundo historicizante, pretendemos entendê-lo como uma ação narrativa que se operacionaliza na mimesis I.

O fornecimento de *background* e de antecedentes históricos e sociais é, no jornalismo cultural, característica comum quando da operacionalização da narrativa. Isso se deve, especialmente, por ser nesse segmento editorial que se encontram, com mais frequência, textos como ensaios, críticas e resenhas, narrativas que têm por caráter intrínseco a capacidade de retomar reflexivamente trajetórias e conteúdos do campo artístico. É a partir de tal aspecto que apontamos o acionamento da diacronia<sup>5</sup> como chave de leitura da temporalidade no jornalismo de cultura.

2 A ideia de “intriga” é definida por Ricoeur como a parte da narrativa na qual se expõe, de forma encadeada, um acontecimento por meio de estágios decisivos, tais como “começo”, “meio” e “desenlace”.

3 Essa primeira ação mimética (mimesis I) refere-se ao mundo cultural que nos cerca, propondo que toda narrativa pressupõe, tanto do narrador quanto de seu leitor, uma familiaridade no que diz respeito a agentes, objetivos, meios e circunstâncias. Já a mimesis II é a agenciadora dos fatos, configura a sucessibilidade e exerce as funções de mediação e integração. Por fim, a mimesis III concerne ao mundo do leitor e às diferentes interpretações postas em marcha no processo de leitura e de apropriação. A partir das leituras de Agostinho e de Aristóteles, Ricoeur compreende que cada uma dessas ações miméticas corresponde, respectivamente, a um mundo pré-figurado (mimesis I), a um mundo em configuração (mimesis II) e a um mundo que se reconfigura continuamente (mimesis III), a partir das múltiplas leituras e experiências que nos atravessam.

4 Cabe ressaltar que, para Ricoeur, o tempo torna-se tempo humano à medida que é narrado, vale dizer, enquanto narramos e experienciamos o mundo, estamos simultaneamente a interpretá-lo, em uma leitura e em uma resignificação constantes.

5 Tomamos, aqui, o termo “diacrônico”, de empréstimo à linguística, como distinto do termo “sincrônico”. Ambos os conceitos indicam formas diferentes de perspectiva no estudo de uma língua – em um momento específico (sincronia) ou ao longo do tempo (diacronia).

### 3. A temporalidade nas revistas impressas de cultura

Na vasta literatura sobre jornalismo cultural, encontramos alguns pontos comuns dentre as muitas características atribuídas a essa prática jornalística. Entendemos que o segmento realiza uma função de mediação, que “converte códigos artísticos e literários – herméticos e esotéricos – em linguagem mais ampla, adequada a um auditório maior” (Golin *et al.*, 2010, p. 129); que é uma espécie de “herdeiro do ensaísmo humanista” (Piza, 2003, p. 16); que “oscila entre a reprodução do já existente e disponível para o consumo e a criação parcialmente permitida e existente nessa editoria” (Gadini, 2009, p. 29), além de constituir uma “plataforma interpretadora” (Faro, 2006, p. 3), quer dizer, uma perspectiva de leitura dos mapas culturais de uma época. Há, ainda, na literatura sobre o tema, o consenso de que o segmento “deve ter espírito crítico, comentários interpretativos, desenho atrativo” (Zambrano e Villalobos, 2010, p. 72), deve “interpretar a criatividade potencial do ser humano” (Rivera, 2003, p. 17) e “não se [definir] intrinsecamente por uma temática, mas por um modo próprio de abordagem” (Vogel, 2008).

Nesse percurso em torno de um conceito, percebe-se que algumas ideias centrais parecem se repetir e podem ser condensadas por uma qualidade estruturante: o jornalismo cultural se caracteriza por um modo processual de criação, apontando para um passado em permanente latência a partir de um repertório crítico, seletivo e, principalmente, produtor de memória.

No jornalismo cultural, a crítica, a resenha e a agenda são formatos textuais comumente encontrados. A crítica e a resenha tendem a ser retrospectivas por natureza, isto é, discutem sobre coisas e obras que já ocorreram e já foram escritas. Em contraponto, na cobertura cultural, a agenda é outra forma particular de mediação temporal no âmbito de um caderno ou suplemento. Local de serviço, constam ali sugestões de atividades semanais ou mensais que marcam uma programação datada, estreitamente vinculada com o presente e com o futuro. Dessa maneira, vemos que, em um mesmo espaço, o jornalismo cultural pontua um ritmo que reforça a espera e o porvir, ao mesmo tempo que constrói uma visão crítica retrospectiva. Identificamos, nessa fricção comum à cobertura cultural, uma polarização temporal que caracteriza a crítica como reativa e a agenda, como proativa.

É importante destacar que, no jornalismo cultural, as críticas são escritas antes ou depois de um determinado evento, conforme cronograma alinhado ao movimento das editoras, dos teatros e de outras instituições de artes. Diante dessa temporalidade distinta de produção, há um claro descolamento da temporalidade emergente, que irrompe, uma vez que algumas matérias não são produzidas necessariamente à medida que um determinado evento ocorre ou durante sua realização mas antes ou depois dele – havendo, pois, uma maior independência da factualidade, com vistas a uma suposta atemporalidade do conteúdo a ser criado.

O jornalista cultural teria, então, o papel delicado de traçar rotas e de ser um mediador de experiências; não como um direcionador, que aponta objetivamente e de forma resoluta sobre aquilo que “é” ou “não é” digno de ser visto, lido, assistido. Sua função principal seria a de despertar, lançar luz, trazer à tona aquilo que ainda é obscuro, alçando um olhar de resistência para o que já é tido como “dado”.

Na discussão que aqui propomos, há um gênero textual fundamental – o ensaio – que se sobressai na materialidade a ser abordada. No caso da revista *Cult*, tal gênero se encontra principalmente na mais importante seção da revista, intitulada “Dossiê”, que analisaremos a seguir. Entendemos o ensaio

como um gênero textual de relevância, uma forma crítica por excelência, o qual implica um texto em aberto, que ensaia uma leitura abrindo-se mais para perguntas do que para respostas. Na constituição dos dossiês da revista *Cult*, conseguimos perceber a expressão de gêneros em profusão, como crítica, resenha e ensaio, práticas textuais que visam a tensionar os objetos em questão, temáticas que muito frequentemente tem proximidade com os campos da filosofia e da psicanálise.

Em meio à demora ou à urgência de uma escrita, mas sempre a partir da criação de um espaço para o pensamento, acreditamos que as revistas constituem linhas múltiplas e sobrepostas de uma época (Luna, 2017, p. 265). Com base em elementos como crítica literária, crítica cultural e dossiês, esses periódicos falam sobre o contemporâneo a partir de uma temporalidade editorial própria, flertando com uma duração que se distende na medida em que são produtos colecionáveis. Vemos, aqui, os rastros do conceito etimológico da revista, ou seja, o ato da *re-vista*, de examinar, de inspecionar mais detidamente, pressupondo o exercício da crítica e do ensaio e, portanto, da reflexividade em relação ao passado e ao porvir, reflexividade essa inscrita no agendamento do presente.

Isso revela uma tentativa editorial de compreender os contextos sociais, um movimento dos veículos em estabelecer pontes entre teoria e prática, articulando o pensamento intelectual e acadêmico com a sociedade. Por isso, é válido examinar a seção “Dossiê” da *Cult*, que busca ler, interpretar e, conseqüentemente, tatear um pouco as diversas realidades circundantes.

#### 4. Apontamentos sobre a leitura hermenêutica dos dossiês da revista *cult*

A revista *Cult* foi criada em 21 de julho de 1997, em São Paulo, e pode ser considerada a mais longeva revista de cultura do Brasil, estando há 25 anos no mercado editorial. A primeira fase da *Cult*, entre julho de 1997 e fevereiro de 2002, corresponde ao período da Editora Lemos, sob o comando do jornalista Manuel da Costa Pinto. Nessa época, a *Cult – Revista Brasileira de Literatura* dava ênfase à criação literária, tendo como slogan “o mundo das palavras, da cultura e da literatura”. Constituíam-se em um espaço de reflexão sobretudo acerca de literatura, por meio da publicação de ensaios, de resenhas literárias, de poesias e de textos ficcionais em prosa.

Em 2002, a revista foi vendida para a Editora Bregantini. Com sede em São Paulo, a revista aborda temas ligados às artes, à literatura, à filosofia e à psicologia, com conteúdos produzidos por jornalistas e por acadêmicos. Cada edição da *Cult* apresenta um dossiê que, organizado em torno de um tema específico, pretende contribuir com um debate de saberes e de conhecimentos de interesse público.

Observamos que a *Cult*, paulatinamente, foi se transformando em um periódico acadêmico de viés mais geral, isto é, por intermédio da publicação de ensaios, sobretudo, na seção *Dossiê*. Trata-se de textos que propõem uma visada reflexiva a respeito de questões do tempo presente, visada em que é preciso, necessariamente, olhar o passado e o futuro de forma simultânea. Complementam as edições, via de regra, matérias especiais, artigos, resenhas, ensaios, entrevistas e perfis que contemplam aspectos variados da cultura. A revista se mantém através de anunciantes e de assinaturas. Atualmente, quando circula em poucos exemplares impressos para as bancas, a publicação apresenta, na capa, especialmente a seção *Dossiê*, a qual se tornou o elemento central, o ponto focal da materialidade da revista impressa.

Acreditamos que o formato da revista *Cult*, mesmo nas suas distintas fases editoriais, aproxima-se, em parte, daquilo que pesquisadores argentinos definem como *revista independente de cultura*. Essa expressão designa periódicos que se “propõem a ser veículo[s] de algo”, ou seja, projetos de intervenção não regidos pela lógica da mercadoria. A partir disso, entende-se que o periodismo cultural não se constitui como um campo especializado de temas, mas pela possibilidade de oferecer um olhar “especial” na leitura da cultura de seu tempo. (Badenes, 2017, p. 22-23). As revistas culturais são, portanto, formas de participação no social e se estruturam como redes de sociabilidade.

Em uma leitura de conjunto da publicação, centrada em suas chamadas de capa e textos internos, averiguamos que a publicação apresenta, por meio de seus temas, um conceito de “atualidade expandida”, vale dizer, a revista *Cult* aborda assuntos que não se atêm ao presente imediato. Assim, a ideia de “atualidade jornalística”, por mais primazia que tenha no campo profissional, não impede que a revista se inscreva em um tempo próprio, a partir de um conjunto de repertórios com os quais deseja dialogar.

A fim de buscarmos elementos sobre esse tempo próprio da publicação, consideramos a primeira página da publicação, a capa, como o espaço que será referencial para leitura e análise do miolo. Como as matérias são poucas e extensas, praticamente todo o conteúdo ganha menção na capa, página mais importante e onde uma revista deve transmitir sua identidade. Em periódicos de periodicidade ampliada, a capa ganha um peso ainda maior, conferindo uma visibilidade mais ampla ao tema abordado.

Portanto, é a partir das chamadas de capa e de seus textos internos que observaremos a temporalidade da *Cult*, entendendo que, enquanto narrativa textual, a revista estabelece uma mediação de conhecimento e parte de uma visão de mundo prévia do leitor. Com base nesse aspecto, apontamos o acionamento da diacronia como chave de leitura da temporalidade no jornalismo cultural.

## 5. Sobre a diacronia no jornalismo de cultura

Analisando as matérias de capa das seis edições da revista *Cult* –referentes a julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2019–, apresentadas por suas chamadas e pelos textos internos, conseguimos perceber evidências sobre a relevância do caráter contextualizador e, também, a ênfase no *background*, em um pano de fundo no qual se ancora a narrativa. Essas características denotam um necessário repertório por parte de quem lê e de quem escreve, dando a ver, a princípio, que o texto apresenta potencial diacrônico: ele não se atém a um presente imediato e pode ganhar qualidade ao longo do tempo, tendo-se em vista seus marcadores históricos e sociais.

Ao pensarmos acerca da diacronia, partimos do paradigma do *presentismo* jornalístico<sup>6</sup>, o qual é predominante na temporalidade jornalística e repercute na construção narrativa do jornalismo em geral. A diacronia seria, portanto, uma possibilidade de examinar o jornalismo de cultura como um segmento em que não há, necessariamente, um vínculo cronológico explícito com o presente factual. Em outras palavras, uma ausência, nesse segmento editorial, de marcadores temporais mais nítidos,

<sup>6</sup> O jornalismo é reconhecido por atuar na construção da experiência do tempo e exercer a função pública de informar e de oferecer o presente social (Gomis, 1991; Franciscato, 2005) vivenciado atualmente pela apologia do presentismo (Hartog, 2005). Ao ancorar-se fortemente na produção dessa atualidade, fortalece uma crença coletiva na existência de uma temporalidade social sincrônica (Tétu, 2000).

dados, orienta a nossa forma de experienciar a cultura. O presente ganha, assim, a dimensão alargada de “contemporâneo”, abarcando um rastro temporal mais extenso e mais profícuo. A ausência de marcadores como mês, data, hora, deixam o leitor sem o referencial básico a respeito do que motiva uma determinada publicação.

Dessa maneira, ao não estar ancorado em um tempo cronológico específico, o texto mostra-se inacabado: há sempre um novo presente possível de entrar em fricção com o passado, há sempre novas formas de leitura e de tensionamento. Entendemos que, quando os textos não se atêm cronologicamente a uma data ou a um acionamento temporal específico, quando eles não se fecham no cronos, eles se abrem a uma leitura inacabada, inconclusa e, portanto, atemporal. Sobre isso, Mar de Fontcuberta (1999) explica haver dois tipos de contextualização no jornalismo: a sincrônica, de caráter simultâneo ao acontecimento em questão, que aborda as circunstâncias políticas, sociais, geográficas e de outras diversas ordens relacionadas à notícia; e a diacrônica, que descreve a evolução cronológica dos fatos vinculados ao tema tratado. Nesse sentido, percebemos, no jornalismo cultural, um caráter “contextualizável sincronicamente com o que está acontecendo em outros lugares, e diacronicamente com passados e futuros diferentes, de curta, média ou longa duração” (Borrot e Fontcuberta, 2006, p. 280).

Por isso, consideramos que o distanciamento temporal e, assim, o passado (longínquo ou não) são, no jornalismo de cultura, potentes acionadores da experiência temporal. Ao se eximirem de um marcador temporal específico, as matérias que apresentaremos a seguir adotam um padrão diacrônico por não perderem seu potencial ao longo do tempo e, indo além, por serem passíveis de múltiplas releituras. Logo, não entendemos que a ideia de “diacronia” se reflete como a repetição de um valor eterno do passado no presente, mas, sim, como a cultura pode se reinventar diante de um presente que a refigura.

### 5.1. A diacronia na revista *Cult*

Ao investigarmos o caráter diacrônico do jornalismo cultural nas capas da *Cult* com foco nas chamadas e nos dossiês, percebemos que a revista tende a seguir um padrão, mês a mês, ao manter seções previamente estabelecidas. Por isso, identificamos, em sua materialidade, mais ênfase no potencial colecionável – característica comum a outras publicações impressas de cultura (figs. 1 a 6).

A ideia de “coleção”, característica em suplementos e em almanaques, consolida-se pelo descolamento daquilo que é noticiado relativamente ao presente factual. Essas referências ao passado permitem aos leitores um entendimento melhor do presente, ao construírem conexões, ao sugerirem inferências, ao oferecerem analogias e ao fornecerem explicações. Na *Cult*, esse caráter colecionável é um dos principais fatores que desdobra o rastro temporal de cada publicação, ampliando a possibilidade de leituras à luz de uma ideia de um tempo presente que pode se estender ao longo de anos.

A identidade editorial desses produtos, ao apresentar uma coerência entre cada uma das edições, orienta uma leitura sobre tal caráter colecionável por meio de três dimensões: a organização, a duração e a contemplação. A primeira dimensão, a da organização, aponta para o fato de que os objetos em questão correspondem a um conjunto regido por uma ordem, por uma forma de organização, tendo sob princípio o acúmulo, a posse ou a preservação. Tem-se, assim, um contrato comunicativo que vai além da informação veiculada pelos objetos. Já a segunda dimensão, a da duração, remete à potência das referidas edições de portarem “passados”, de deixarem o tempo em aberto e de tomá-lo

a partir de referências temporais outras que não apenas o presente. Por fim, a terceira dimensão, a da contemplação, refere-se à valorização desses objetos e à capacidade de adoração pela singularidade de uma coleção. Veremos tais dimensões espelhadas nos dossiês da Cult, especialmente em razão do potencial de reconfiguração dos temas abordados, de um constante rearranjo configurado pelo leitor, que retorna àquelas capas como objeto de apreço e de admiração.

Figuras 1.

Capa da edição de julho de 2019 da revista Cult



Fonte. Revista Cult.

Figuras 2.

Capa da edição de agosto da revista Cult



Fonte. Revista Cult.

Figuras 3.

Capa da edição de setembro da revista Cult



Fonte. Revista Cult.

Figuras 4.

Capa da edição de outubro de 2019



Fonte. Revista Cult.

Figura 5.

Capa da edição de novembro de 2019



Fonte. Revista Cult.

Figura 6.

Capa da edição de dezembro de 2019



Fonte. Revista Cult.

A seção “Dossiê” atribui, assim, um teor de arquivo à publicação. Em todos os seis números analisados, a seção em pauta figurou com destaque na capa – nas edições de setembro, de outubro e de novembro foi a matéria principal. Um dossiê, em si, já representa uma coleção ou um pequeno arquivo, em que constam informações detalhadas e analíticas sobre uma pessoa, um tema ou um assunto em especial. A seguir, sistematizamos o conteúdo dos seis dossiês presentes nas capas da *Cult*, buscando as interferências do passado e do presente que vêm à tona nas narrativas textuais de cada uma das matérias (tab. 1).

Nas edições analisadas, os dossiês representam as matérias mais longas, variando entre 12 (“Como a filosofia pensa o cinema?”) e 25 páginas (“Vamos falar sobre suicídio?”), o que indica uma leitura de fôlego. Apesar de longos, os textos são raramente permeados por imagens, especialmente ilustrações. No Quadro 1, apresentamos os intertítulos e, ao lado, a autoria de cada uma das matérias, as quais apontam um grupo formado exclusivamente por intelectuais acadêmicos.

É importante enfatizar que o discurso acadêmico psicanalítico ganha espaço, sobremaneira, nesses dossiês. Assim, ainda que haja uma narrativa cultural atravessada por marcadores sociais, são poucos os que têm autoridade para pensar e escrever na revista. Esse discurso acadêmico acaba, então, apontando para a um nicho muito específico de leitores, os quais são igualmente atraídos por uma linguagem e por uma temporalidade narrativa que já lhes é familiar – são conteúdos atualizados em invólucro reconhecido. No sumário, em que são apresentados os colaboradores de cada edição com uma curta biografia, é possível verificar que nenhuma das pessoas indicadas é reconhecida como jornalista. Tendo em vista o conjunto de autores, partimos à análise dos dossiês.

**Tabela 1.**

*Acionamentos diacrônicos na revista Cult*

EDIÇÃO	DOSSIÊ	INTERTÍTULOS
JULHO – 247	“Como a filosofia pensa o cinema?”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Apresentação” (Dalila Martins)</li> <li>• “O esboço de Marselha” (Miguel Veda)</li> <li>• “Como Adorno encarou o cinema” (Mateus Araújo)</li> <li>• “O cinema e o clichê em Gilles Deleuze” (Ricardo Fabbrini)</li> <li>• “Andrzej Żuławski: as imagens das sínteses impossíveis” (Vladimir Safatle)</li> </ul>
AGOSTO – 248	“Aníbal Quijano, o mundo a partir da América Latina”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Apresentação” (Carla Rodrigues e Danilo Assis Climaco)</li> <li>• “O tempo na obra de Aníbal Quijano” (Rita Segato)</li> <li>• “O feminismo decolonial” (Susana de Castro)</li> <li>• “A colonialidade e Porto Rico” (Ángel Quintero-Rivera)</li> </ul>
SETEMBRO – 249	“A psicanálise no Brasil – Uma história que reflete os impasses na renovação das ideias de Freud e afirma presença no cenário internacional”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Apresentação” (Pedro Ambra e Rafael Alves Lima)</li> <li>• “Uma psicanálise do outro” (Tania Rivera)</li> <li>• “Exceção no mundo” (Christian Dunker)</li> <li>• “Moda ‘perigosa’ (Rafael Dias de Castro)</li> <li>• “Primórdios” (Marina Massi)</li> </ul>
OUTUBRO – 250	“Vamos falar sobre suicídio? – Psicanalistas refletem: quem matamos quando matamos a nós mesmos?”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Apresentação” (Gilson Iannini)</li> <li>• “A pena de Maat e a escuta trágica do suicídio” (Christian Dunker)</li> <li>• “A vida por um fio” (Henri Kaufmanner)</li> <li>• “O suicídio na adolescência” (Carolina Ribeiro e Andréa Guerra)</li> <li>• “Destruir para recompor” (Ana Cecília Carvalho)</li> <li>• “A solidão por hiperconectados” (Marcelo Veras)</li> </ul>
NOVEMBRO – 251	“Parentalidades e vulnerabilidades – Hétero, homo, mono ou pluriparental: ‘Não há necessidade de família para fazer filhos, mas para fazer sujeitos, sim’”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Apresentação” (Vera Iaconelli)</li> <li>• “Reflexões sobre a parentalidade negra” (Daniela Roberta e Antônio Rosa)</li> <li>• “Os pais chegam antes” (Thais Garrafa)</li> <li>• “Quando não há aldeia para criar uma criança” (Roberta Kehdy)</li> <li>• “Sangue não é água, convivência também não” (Daniela Teperman)</li> </ul>
DEZEMBRO – 252	“Fé e política”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Relação entre fé e política” (Frei Betto)</li> <li>• “A hegemonia pentecostal no Brasil” (Magali do Nascimento Cunha)</li> <li>• “Evangélicos brasileiros e o compromisso social” (Claudio Ribeiro)</li> <li>• “Catolicismo saudosista e militante” (Maria Clara Bingemer)</li> <li>• “O cristianismo à luz da Teologia da Libertação” (Leonardo Boff)</li> </ul>

Fonte. Elaboração própria.

O primeiro deles, referente a julho, é intitulado “Como a filosofia pensa o cinema?”. No primeiro texto, o doutor em Letras Miguel Veda elege o livro *Esboço para uma teoria do cinema*, de Kracauer, e num movimento crítico é feita uma análise, a qual traz as considerações do autor sobre uma obra escrita há quase 80 anos. O mesmo ocorre com os livros *Minima moralia*, de 1951, de Adorno, e *Dialética do esclarecimento*, de 1944, escrito com Horkheimer. Há uma sugestão de que é preciso tomar as bases de Adorno e trazê-las ao presente. O exercício de crítica feito com o autor alemão é realizado igualmente, nos textos seguintes, com Gilles Deleuze e com Andrzej Żuławski.

Percebe-se, aqui, que o cinema, tratado à luz da filosofia, espelha sumariamente o cânone a partir de uma perspectiva crítica, no entanto hermética e acessível somente aos iniciados no campo. Esse tipo de conteúdo aponta um anacronismo em sua transmissão, pois, ainda que haja um esforço de analisar no presente o pensamento desses autores, isso de fato não ocorre. Tal dossiê termina, pois, por ir na contramão dos posteriores, porque trata seu assunto principal, o cinema, sem atravessamentos socioculturais, em uma perspectiva bem mais autocentrada do campo, ou seja, ainda mais específica e elitizada, que fala para e com os pares. Nesse sentido, o dossiê apresentado não se articula socioculturalmente a nenhuma pauta relacionada a um presente imediato daquele período da edição, o que torna o conteúdo voltado para um nicho mais preciso e direcionado.

O segundo dossiê analisado, de agosto, é intitulado “Aníbal Quijano, o mundo a partir da América Latina”. O texto que abre o dossiê, do doutor em Estudos Latino-Americanos Danilo Clímaco, apresenta uma trajetória biográfica, política e acadêmica de Quijano, perpassando desde os anos 1940 até os derradeiros escritos do autor, sobre a emergência de movimentos anticapitalistas nas últimas décadas. Nesse dossiê, identificamos a retomada de um passado que se reatualiza no presente e parece apontar para um futuro ciclo de destruição que pode ser evitado. O pensador peruano, referência na intelectualidade da esquerda latino-americana, apesar de morto, encontra-se com o presente do leitor por meio de seus escritos, mediados pela *Cult* a partir de temáticas contemporâneas, como os giros epistêmico e colonial.

Em “A história da psicanálise no Brasil”, dossiê de setembro, é feito um exercício de revisionismo da psicanálise no país, exercício que encara desigualdades, racismo e o caráter aristocrático no interior das políticas do campo. Em uma crítica ao processo de implantação do freudismo em contexto nacional, os textos percorrem a história da psicanálise, refletindo acerca da importância de “encontrar rotas historiográficas alternativas ao oficialismo e às narrativas ‘pioneiras’ ainda dominantes no campo”, conforme o texto de apresentação, dos psicanalistas Pedro Ambra e Rafael Alves Lima.

Nesse percurso histórico, propõe-se compreender a disseminação e o relativo sucesso da psicanálise no Brasil, levando-se em conta suas idiossincrasias na cultura brasileira e suas exceções relativamente a outros países do mundo. Há, assim, uma escolha editorial de retomar a história a partir do que toca o presente, assumindo o lugar de autoridade que considera alguns eventos mercedores de serem lembrados e outros não. Dessa maneira, o dossiê em questão conclui enfatizando a necessidade de se repensar o passado no sentido de que seja feita uma apropriação histórica produtiva, a partir de uma análise crítica do presente.

No quarto e maior dossiê, “Vamos falar sobre suicídio?”, a revista historiciza a prática do autoextermínio, a qual é, de acordo com a publicação, a segunda causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos no mundo. Como esse número se refere à edição de outubro, após o movimento brasileiro “Setembro Amarelo”, supomos que tal dossiê temático sobre suicídio, tema difícil de ser tratado jornalisticamente, emerge com esse pano de fundo mais amplo, relativo a uma efeméride. Tendo em vista o aumento preocupante do número de suicídios no Brasil, principalmente entre adolescentes e jovens, a publicação discute as supostas causas contemporâneas que são responsáveis por esse crescimento: redes sociais, “fake news”, “selfies” e “bullying” são mencionados como possíveis gatilhos que circunscrevem a intenção suicida.

A presença da veia literária, forte signo da publicação, aparece por meio da matéria da psicanalista e doutora em Literatura Comparada Ana Cecília Carvalho, “Destruir para recompor”. Nessa matéria, são mencionados os suicídios de autores como Sylvia Plath, Virginia Woolf, David Foster Wallace, Ana Cristina Cesar, dentre outros. A revista suscita uma espécie de poética do suicídio, buscando investigar no agora e no outrora o que há de comum às mortes de anônimos e de famosos, resguardadas as singularidades de cada um.

O quinto dossiê analisado, “Parentalidades e vulnerabilidades”, aborda as formas atuais de constituição familiar, atravessando seus impasses e saídas. Para tanto, a *Cult* mantém o posicionamento político que vem delineando ao longo dos dossiês anteriores, propondo um olhar não hegemônico no que diz respeito à forma de pautar um debate. Dessa maneira, para discutir o vínculo familiar contemporâneo, a revista abre o dossiê com o texto “Reflexões sobre a parentalidade negra”, da doula e mestre em Sociologia Daniela Roberta Rosa. De acordo com a autora, o corpo da mulher negra, o qual ocupa com grande frequência a figura do cuidado parental, ainda é marcado pelo racismo e pela objetificação da negritude.

No último dossiê que analisamos, o olhar crítico da *Cult* sobrevém enfocando o caráter religioso que tem se confundido, atualmente, com a política brasileira. Ao longo dos textos desse dossiê, o leitor fica a par de como os evangélicos pentecostais passaram a dominar importantes espaços na política, no mercado e nas mídias. Isso ocorre porque, segundo a doutora em Ciências da Comunicação Magali do Nascimento Cunha, no texto “A hegemonia pentecostal no Brasil”, “hoje, compreender o pentecostalismo é imprescindível para quem se interessa pelas dinâmicas socioculturais e políticas que envolvem o país”. Nas matérias, são expostas perspectivas distintas a propósito do apelo evangélico, perspectivas internas e externas ao movimento, característica que dá força ao formato “dossiê”. Mais uma vez, percebe-se, nos textos, que é o apelo sociocultural que prevalece.

Identificamos no conjunto de dossiês a retomada de um passado que se reatualiza no presente e parece apontar para o futuro, sugerindo estagnações ou mudanças possíveis nos cenários tematizados. O apelo sociocultural prevalece no conjunto, tematizando-se uma conjuntura mais ampla, que não diz respeito necessariamente a um acontecimento singular. O sentido diacrônico é percebido quando a revista dá valor de contemporâneo aos autores e aos temas abordados, mostrando o potencial que tais pessoas e assuntos têm de recircular e de serem relacionados no decorrer do tempo, independentemente do marcador cronológico.

Vemos que os dossiês não partem de uma ideia de “cultura” exclusivamente como atividade artística ou de uma ideia de “jornalismo cultural” comumente assemelhado a “soft news”, a temáticas sem densidade. Em seus dossiês, a *Cult* parte essencialmente de um caráter crítico e político para atender às demandas de pautas contemporâneas, circunscrevendo historicamente os marcadores sociais que atuam hoje na sociedade, oferecendo ao leitor dimensões de um tempo presente complexo. Essa perspectiva identifica o jornalismo cultural mediado pela revista não exclusivamente por seu conteúdo, mas pelos recursos com que medeia.

O valor de transmissão é, aqui, fundamental para compreendermos um jornalismo cultural que pode ir além das temáticas usuais, relativas à cultura enquanto produto a ser consumido. Na revista *Cult*, a cultura se dá pela forma como aciona uma temática, pelo repertório que condiciona e que orienta o delineamento das pautas. Dando ênfase, sobremaneira, aos processos em detrimento dos produtos,

os dossiês são configurados de forma crítica, alguns fortemente atravessados por marcadores sociais de diferença, refletindo uma pauta principalmente da esquerda letrada brasileira.

Assim, os temas escolhidos não são tratados necessariamente sob uma perspectiva unânime, ainda que haja um apelo ao que já é consagrado, legitimado, reconhecido e pesquisado. Ao se falar de feminismo, decolonialidade, afrossaberes, negros, latinos, indígenas e famílias pluriparentais, são retomadas vozes esquecidas e silenciadas, mas a partir de interlocutores com reconhecimento.

É nesse aspecto que ganha destaque o lugar do autor-narrador, cujo conhecimento legitimado academicamente o torna apto e o autoriza a ser convidado a escrever na *Cult*. Todavia, apesar de seu conteúdo ser atravessado por marcadores socioculturais, a mediação da *Cult* ainda é extremamente elitista, essencialmente porque seus textos já condicionam um tipo de leitor possível.

Nos dossiês analisados, observamos o diálogo dos textos com leituras anteriores, diálogo que denota a importância de repertório aos que leem e aos que escrevem. É esse mundo pré-figurado (mímesis I) que favorece a compreensão histórica e estética dos textos analisados. Já que o entendimento desses dossiês é correlato à inteligibilidade do leitor, atesta-se a capacidade dessas narrativas (mímesis II) de sobreviverem a diferentes paradigmas culturais, em momentos distintos de leitura. A temporalidade expressa no jornalismo cultural da *Cult* representa, assim, um conjunto de elementos do passado e de elementos contemporâneos, conjunto do qual o leitor apropria-se a partir de seu próprio repertório, a fim de compreender e de atribuir significados ao texto. É, pois, somente o movimento de reconfiguração, de releitura, que pode contribuir para a reverberação desse material ao longo do tempo (mímesis III).

## 6. Considerações finais

À luz da tríplice mímesis de Paul Ricoeur, reconhecemos na *Cult*, uma revista de referência no Brasil, o inacabamento do processo de reconfiguração e de abertura a permanentes leituras e releituras das edições analisadas. As narrativas dos dossiês selecionados, presentes nas capas, enriquecem-se a cada novo ato de reconfiguração, incorporando elementos do repertório de quem lê, em momentos distintos possíveis. Portanto, observar o jornalismo de revista por meio da *Cult* e de seus dossiês é identificar de que forma o passado não apenas subsiste, mas se atualiza constantemente, a partir de releituras. Dessa maneira, retomar o conteúdo dessas revistas, em um gesto de colecionador, é um movimento que remete a um presente e, igualmente, a um futuro, pensando nas múltiplas reconfigurações possíveis.

Nesse viés, entendemos que analisar o jornalismo cultural é analisar uma forma de mediação da memória cultural. Dessa forma, esse segmento editorial refletiu-se como uma via de acesso a um tipo de conhecimento, certamente marcado por lembranças e por esquecimentos que circunscrevem todas as formas de produção. Nesse sentido, tentamos, a partir do exame da revista *Cult*, desconstruir uma imagem engessada de temporalidade delimitada pelo jornalismo em busca de outras interferências no tempo, sinais de um presente complexo, ampliado, que reconstrói criticamente o passado.

Tal exercício nos permitiu reconhecer, no jornalismo cultural, um lugar em que a temporalidade se apresenta com uma dupla face: ele produz uma temporalidade que, por meio de um universo

prefigurado latente, dá margem à emergência do passado enquanto lugar profícuo de reconhecimento e de entendimento do presente. Essa dupla face temporal se mostra como uma condição para não reduzirmos o jornalismo cultural à simples divulgação de produtos e de eventos, tampouco a um documento histórico de referência. Ao fazer tais afirmações, admitimos o risco de problematizar uma amostra reduzida dentro de um nicho editorial específico. Nesse sentido, entendemos que tal propósito pode e deve avançar em amplitude no futuro, por meio da leitura e da pesquisa de outros dossiês e, também, de outros objetos relevantes ao jornalismo de cultura.

Porém, nesta leitura de dossiês publicados em 2019, e que espelham uma tendência pregressa da revista *Cult*, vimos que a temporalidade do jornalismo cultural reflete não apenas uma representação do passado, mas também uma apresentação deste, uma construção que reverbera a partir do presente. Ao enxergar-se o atual não como um ponto de partida, mas como ponto de fricção em que vários passados e futuros distintos são encadeados, cria-se uma abertura à diacronia, ou seja, a uma reconfiguração que se dá ao longo do tempo, o que permite múltiplas leituras de um mesmo material.

Assim, pensando no conjunto do material analisado, observamos que não se trata de uma leitura exclusivamente de ordem cronológica e linear, mas de uma leitura que se dá em forma de diálogo com as demais leituras anteriores e futuras. É essa postura dialética do leitor que, mediante uma abertura temporal, pode favorecer a compreensão estética e histórica dos textos. O jornalismo cultural circunscreve, dessa forma, uma série de temas, de produtos e de eventos tanto do passado quanto de sua época, série da qual o leitor apropria-se a partir de seu próprio repertório, a fim de compreender e de atribuir significado aos textos.

A reutilização de um conteúdo relativo a um evento que ocorreu há muito tempo, para narrar algo que ocorre no presente, reivindica a autoridade jornalística de poder enfatizar o significado histórico de um determinado evento. Sendo assim, entendemos que, ao reutilizar esse passado contextualmente, o contexto torna-se evidência de historicidade e de memória.

Tal característica mostra que a espessura do tempo reflete-se na memória pela força da narrativa mediada pelos temas apresentados na revista *Cult*. Quem lê está apto a, pela reconfiguração, construir e reconstruir o objeto de leitura. Nesse processo, a revista de cultura que se mantém atual é a que sabe discernir o significado de “nosso tempo” e o de “nosso presente”.

## Referências

- Antunes, E. (2007). Temporalidade e produção do acontecimento jornalístico. *Em Questão*, 13 (1), p. 25-40.  
<https://bit.ly/3RIwlJH>
- Badenes, D. (2017). Las revistas culturales como sector y como movimiento. In: Badenes, D. (Ed.). *Editar sin patrón. La experiencia política-profesional de las revistas culturales independientes* 13-30. Club Hem Editores.
- Borrat, H. y Fontcuberta, M. (2006). *Periódicos: sistemas complejos, narradores em interacción*. La Crujía.
- Faro, J. S. (2006). *Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural [ponencia]*. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Fontcuberta, M. (1999). *A notícia: pistas para compreender o mundo*. Notícias.

- Franciscato, C. (2005). *A Fabricação do Presente*. Editora da UFS.
- Gadamer, H. G. (2006). *O Problema da Consciência Histórica*. Fundação Getúlio Vargas.
- Gadini, S. (2009). *Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro*. Paulus.
- Golin, C., Cardoso, E., Keller, S. y Muzykant, P. (2010, 8-10 de novembro) *Jornalismo e representação do sistema cultural: a identidade das fontes na cobertura de cultura do jornal Diário do Sul (Porto Alegre, 1986-1988)* [ponencia]. VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal do Maranhão. São Luís, Brasil.
- Gomis, L. (1991). *Teoría del periodismo: como se forma el presente*. Paidós.
- Hartog, F. (2005). Time and heritage. *Museum International*, 57, 7-18.
- Lückman, A. P. (2020). *A noção de contexto no Jornalismo: uma proposição a partir da Teoria da Complexidade*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Institucional UFRGS. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/212486>
- Luna, V (2017). Formas de crítica para nomear uma época. En: Badenes, D. *Editar sin patrón*. La experiencia política-profesional de las revistas culturales independientes, 257-289. Club Hem Editores
- Oliveira, G. M. V. S. (2015). *Da popularização da filosofia à expertise filosófica: uma problematização do papel do intelectual na mídia*. Revista CULT 1997-2013. [Dissertação de Mestrado, USP].
- Piza, D. (2003). *Jornalismo cultural*. Contexto.
- Ricoeur, P. (2010). *Tempo e narrativa*. WMF Martins Fontes.
- Rivera, J. B. (2003). *El periodismo cultural*. Paidós.
- Quiroga, T. (2017). Consciência histórica, hermenêutica e suas origens no Romantismo Alemão. In: Porto O, S. D.; Mota, C. L. (Ed.). *Hermenêutica e análise dos discursos em jornalismo*, 47-73. Insular.
- Soares, M. B. (2012). *Poesia em revista: O apagamento do tema nos periódicos Bravo! e Cult*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
- Tavares, F. M. B. (2020). Jornalismo e colecionismo: elos para pensar memórias e valores editoriais. In: Prado, D. F. B.; Tavares, F. M. B.; Tavares, M. da S. (Ed). *Mídia, tempo e interações sociais: conceitos em circulação*, 285-311. Selo PPGCOM/UFMG.
- Tétu, J.F. (2000). La temporalité des récits d'information. In: Vitallis et al. (Ed.). *Médias, temporalités et démocratie*, 91-108. Apogée.
- Tsusui, A. L. N. (2006). *Revista Cult: canal de expressão pública da produção cultural*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de São Paulo].
- Vogel, D. (2008). O jornalismo cultural contra a comunicação. *Cultura e Mercado*.
- Zambrano, M., Villalobos, O. (2010). Presencia del periodismo cultural y de espectáculo en la prensa zuliana. *Anagramas: rumbos y sentidos de la comunicación*, 9 (17), 67-82.
- Zamith Silva, F. A. D. (2011). *A contextualização no ciberjornalismo*. [Tese de Doutorado, Universidade do Porto].

## Semblanza de las autoras

**Anna Cavalcanti** é jornalista, doutora em Comunicação e Pós-Doutoranda na Westfälische Wilhelms-Universität (WWU, Münster). Participa do Núcleo de Estudos em Jornalismo e Publicações Culturais do Laboratório de Edição Cultura & Design (LEAD-CNPq) da FABICO|UFRGS.

**Cida Golin** é jornalista, doutora em Letras, professora Titular nos cursos de Jornalismo e de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Brasil). Coordena o Núcleo de Estudos em Jornalismo e Publicações Culturais do Laboratório de Edição Cultura & Design (LEAD-CNPq) da FABICO|UFRGS.